

---

## RESENHA DE *OUTONO DE CARNE ESTRANHA*, DE AIRTON SOUZA

Walisson Oliveira Santos<sup>1</sup>

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG

SOUZA, Airton. **Outono de carne estranha**. Rio de Janeiro: Record, 2023.

Romance vencedor do Prêmio Sesc 2023, *Outono de carne estranha* (Record, 2023), do paraense Airton Souza, retrata o cotidiano de Serra Pelada durante a corrida do ouro nos anos 1980, sob a ótica de três personagens masculinos: Manel e Zuza, garimpeiros que, em meio à violência e à constante ameaça de morte, vivem um relacionamento homoafetivo permeado pela vulnerabilidade no ambiente hostil do garimpo; e Zacarias, um jovem padre e garimpeiro, cujas convicções religiosas se chocam com as tentações e dilemas morais de um mundo dominado pela ganância e pela brutalidade. A narrativa não apenas explora as relações interpessoais desses personagens, como também revela as tensões entre fé, desejo e sobrevivência, arranjando um quadro da luta constante pela identidade e pelos princípios em um cenário de escassez.

Composto por dezessete capítulos curtos, o romance adota uma estrutura não-linear que passa a ecoar a desordem geométrica dos barrancos de extração no coração de Serra Pelada. A narrativa conduz o leitor ao cotidiano de Manel, Zuza e Zacarias, explorando as dificuldades enfrentadas em um contexto de extrema miséria social, violência e autoritarismo. Em meio a essa realidade, os personagens buscam subverter as condições que os aprisionam, alimentados pela esperança de encontrar riqueza e liberdade no “bamburro”<sup>2</sup>.

A partir da perspectiva interna de um narrador heterodiegético – ou seja, ausente da ação –, somos transportados para as condições da extração de ouro em Serra Pelada, um território marcado pela brutalidade e pela ausência de princípios. Nesse cenário, a figura do “Marechal”, proprietário do garimpo e aludido metonimicamente ao longo de todo o romance, se estabelece como a autoridade suprema, cujos interesses são inquestionáveis, sob o risco de tortura ou morte. Nesse ambiente dominado pelo medo, pela precariedade, mas também pela ambição de riqueza e pela busca de liberdade, Manel, Zuza e Zacarias enfrentam os dilemas de suas vidas, incluindo aqueles relacionados ao desejo e à sexualidade.

---

<sup>1</sup> E-mail: prof.walissonoliveira@gmail.com.

<sup>2</sup> “Bamburrar” é um verbo originado no garimpo de Serra Pelada, e passou a ser usado para se referir ao garimpeiro que, de forma repentina, conseguiu encontrar uma grande quantidade de ouro e enriquecer rapidamente.

Manel, um homem casado e pai de dois filhos, deixou sua cidade natal, Trizidela, no estado do Maranhão, em busca de melhores condições de vida no garimpo. Seu sonho é construir uma casa modesta, com alvenaria simples e cobertura de telha de brasilite, um símbolo de suas aspirações pessoais e materiais. Apesar disso, suas reflexões são marcadas por um sentimento de inconformismo diante das injustiças estruturais que caracterizam a vida no garimpo. Em um desabafo com seus companheiros, Manel expressa sua insatisfação com a situação, apontando a imposição de um poder autoritário desde a chegada do marechal: “Desde quando o marechal chegou aqui, é ele quem decide como vão ser as coisas. Ele é a ordem e isso não é nada bom pra nós” (Souza, 2023, p. 39).

Zuza, amante de Manel, foi proibido pelo Marechal de trabalhar no garimpo – uma decisão cuja justificativa não é claramente explicada, mas que provavelmente está relacionada à sua homossexualidade. Para sobreviver, Zuza passa a lavar as roupas dos outros garimpeiros, assumindo uma posição de subordinação no contexto do garimpo, o que remete a estereótipos femininos. Por outro lado, o padre Zacarias vive dividido entre sua fé e seus desejos carnaais. Em um ambiente dominado pela cobiça e pela exploração, ele tenta conciliar sua espiritualidade com suas frequentes visitas aos bordéis de Marabá. Esse comportamento reflete os intensos conflitos internos do padre, que tenta mediar a tensão entre o corpo e a alma (Souza, 2023).

Ao longo da progressão narrativa de *Outono de carne estranha*, a diegese se desenvolve em um contínuo processo de subjetivação da voz heterodiegética, que não apenas observa, mas também penetra o cotidiano extenuante dos personagens. Esse foco narrativo confere atenção especial ao relacionamento homoafetivo entre Manel e Zuza, que se dá sob as tensões impostas por um ambiente homossocial profundamente marcado pela homofobia presente no garimpo. A construção da narrativa, ao enfatizar esse vínculo clandestino, reflete as complexas dinâmicas de poder e repressão sexual no contexto da mineração.

Essa interiorização constante da narrativa confere ao romance um tom lírico e poético, que se ajuíza na materialidade textual. Elementos como a sintaxe elaborada, o ritmo cadenciado das frases, a sucessão de imagens evocativas e a projeção lírica do fundo subjetivo nos espaços físicos contribuem para essa atmosfera sensível e introspectiva. Além disso, a construção dos personagens, densamente imersas em seus próprios conflitos internos, contempla essa poética narrativa. Um exemplo disso pode ser observado no seguinte trecho:

Subindo as adeus-mamãe, o esforço era tão grande que os garimpeiros, a despeito de suas aparências, já não conseguiam distinguir entre a esperança de bamburrar e o lameiro da cava descendo por seus corpos. Os degraus alimentavam neles o medo do brefo. A água minando da terra. Atrapalhando

os olhos de distinguir homens, chão e fé. O sol. O céu. O cascalho. Cada dia era como se os garimpeiros tivessem uma nascente ancorada no peito. A maioria deles empalidecidos dos pés à cabeça. A pele entendendo mais de distância do que de amor. Os dias pesando nos ombros. Moviam-se feito formigas. (Souza, 2023, p. 113).

O excerto acima ilustra com clareza a poeticidade narrativa presente em *Outono de carne estranha*. A humanidade particular de cada garimpeiro parece se dissolver em uma subjetividade coletiva. Nessa contração, a lama, o minério e o desejo se tornam equivalentes, compondo o cenário em que esses homens, movidos pela exaustão e pela esperança, escalam as precárias escadas “adeus-mamãe”<sup>3</sup>. Este ambiente não só reflete a dureza física do trabalho, mas também amplifica as tensões emocionais e as existenciais dos personagens, tornando cada ação uma extensão de sua luta interna e de sua busca por algo além da sobrevivência.

A narração, panorâmica e desencantada, decanta as dificuldades físicas e emocionais enfrentadas pelos garimpeiros no árduo trabalho de extração em Serra Pelada. A profusão de imagens evocadas pelo narrador – “água”, “sol”, “céu”, “cascalho”, “nascente” – mimetiza o caráter Sísifo e extenuante da atividade no garimpo, enquanto pensa a limitação imposta pela geografia daquele espaço. O olhar que se ergue encontra apenas o céu, o sol e os bate-paus, vigilantes sobre o barranco; o olhar que se abaixa vê lama e cascalho; e o olhar voltado para dentro revela, em cada garimpeiro, a nascente simbólica de um rio – uma metáfora lírica e antitética que representa o anseio por outra vida, livre das agruras do presente. No entanto, esse desejo é constantemente sufocado pela crueza das necessidades econômicas, que impõem um ciclo de sobrevivência sem possibilidade de escape.

Embora utilize recursos poéticos de maneira sistemática para explorar as subjetividades complexas de Manel, Zuza e Zacarias, o romance de Souza mantém uma linearidade diegética que conduz a trama até seu desfecho trágico. O romance, portanto, equilibra a fluidez lírica com uma estrutura coesa, permitindo que o aprofundamento nas emoções e dilemas dos personagens seja integrado a uma trama que se desenvolve de maneira contínua.

Esse desfecho trágico impõe sua gravidade inevitável. Na conclusão de *Outono de carne estranha*, Zuza é descoberto e torturado pelos “bate-paus”<sup>4</sup>. Ferido e humilhado, ele abandona Serra Pelada, enquanto Manel permanece, apenas para ser fatalmente baleado pelo Marechal dentro da cava. O desmoronamento das paredes do garimpo serve como uma metáfora sombria

<sup>3</sup> “Adeus-mamãe” faz referência às escadarias precárias construídas no garimpo de Serra Pelada, simbolizando o último pensamento possível de um garimpeiro que, ao dar um passo em falso, enfrenta a iminência de uma queda fatal dos altos paredões da cava.

<sup>4</sup> “Bate-paus” é o termo usado no romance para se referir aos capangas do Marechal, encarregados de supervisionar o trabalho dos garimpeiros.

para o colapso do próprio corpo de Manel, cujas esperanças e anseios se desintegram sob o peso das condições implacáveis do trabalho e de um sistema repressivo.

O “outono de carne estranha” que se aloja no título do romance representa a purificação violenta dos corpos e desejos dissidentes naquele espaço homofóbico, pavimentando o terreno para a perpetuação de uma ideia ilusória e opressiva de poder masculino heterocentrado. Nesse contexto, Serra Pelada emerge como uma geomorfia carregada de contradições – ao mesmo tempo espaço de sonhos e de anseios, mas também de sofrimento. O ódio perpetrado por alguns garimpeiros a Zuza – “o maricas” –, ultrapassa o indivíduo e se torna uma expressão de repulsa ao próprio ambiente que os transforma em bichos-humanos-da-serra-pelada.

A bateia do garimpo, com sua forma circular, funciona como uma enérgica metáfora para o desfecho trágico de *Outono de carne estranha*. Nesse sentido, a estrutura diegética do romance de Souza se cerra em um ciclo completo: a cena inicial, que evoca a pulsão de vida por meio do encontro sexual entre Manel e Zuza, encontra seu contraponto no final, quando a morte violenta de Manel encerra a narrativa. Esse movimento circular da história reflete a inevitabilidade do ciclo vida-morte, enfatizando tanto o lirismo quanto a fatalidade presentes na obra. A metáfora da bateia, portanto, não apenas simboliza o processo extenuante e repetitivo das picaretas do garimpo, mas também a inevitabilidade dos destinos trágicos dos personagens, cujas caminhos parecem predestinadas a se repetir em um ciclo de sofrimento e morte.

*Outono de carne estranha*, de Airton Souza, realiza uma estetização de uma geografia e período histórico marcados pela transição política no Brasil, próxima à reabertura democrática. O romance se destaca pela utilização do ensimesmamento lírico das personagens e pela dicção místico-religiosa que permeia a voz narradora. Através de imagens, ritmo e cadência narrativa cuidadosos, a história se transforma em uma epopeia íntima, que explora o sofrimento, o desejo dilacerante, a degradação do corpo masculino e a busca por evasão em um ambiente opressor. Ao mesmo tempo, resgata criticamente a história do garimpo de Serra Pelada – uma ferida ainda latente e aberta no seio da floresta amazônica.

## Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro e pela concessão da bolsa de estudos que tornou possível a realização deste trabalho.